

CENTRO DE RECURSOS DE STRESS EM CONTEXTO MILITAR

RELATÓRIO DE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

ÁREA PSICOSSOCIAL
AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES DOS SISTEMAS SOCIAIS

PARCERIA

cis _ iscte



REPÚBLICA
PORTUGUESA

DEFESA NACIONAL

O **Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar** assenta numa perspetiva multidisciplinar abrangendo as áreas médica, psicológica, social e política-jurídica, com o objetivo de recolher, organizar, produzir e divulgar conhecimento disperso sobre a temática do stress em contexto militar.

Foi promovido pelo Ministério da Defesa Nacional, em parceria com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a Universidade do Minho, o Iscte – Instituto Universitário de Lisboa através do Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS-IUL), o Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Observatório Permanente da Justiça).

EQUIPA ÁREA PSICOSSOCIAL

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Professora Doutora Maria Luísa Lima
(COORDENAÇÃO)

Professora Doutora Carla Moleiro

Doutora Raquel António

Mestre Carlos Carriço

Maio 2020

Como citar este relatório:

Lima, M. L., Moleiro, C., António, R. & Carriço, C. (2020). *Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar. Relatório de Apresentação de Resultados, Área Psicossocial: Avaliação de Necessidades dos Sistemas Sociais*. Lisboa: CIIS, Centro de Investigação e de Intervenção Social.

ÍNDICE

1. RESUMO_6

2. INTRODUÇÃO

2.1. Identidade social e experiências traumáticas __8

2.2. Abordagem ecológica em eventos traumáticos __12

3. OBJETIVOS E METODOLOGIA

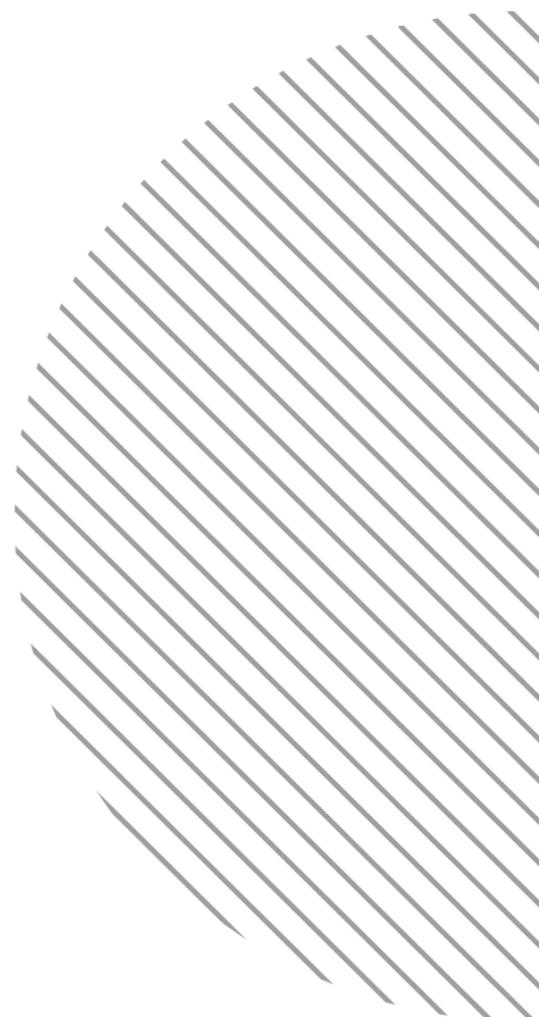
3.1. Contexto e objetivos __16

3.2. Metodologia __16

3.2.1. Participantes __17

3.2.2. Instrumento __17

3.2.3. Procedimento __18



4. RESULTADOS

- 4.1. Necessidades dos Ex-combatentes __22
- 4.2. Necessidades das Famílias __28
- 4.3. Necessidades das Associações __32
- 4.4. Serviços/Recursos das Associações __36

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

- 5.1. Limitações __42
- 5.2. Pontos a reter __43

6. BIBLIOGRAFIA

__44

7. ANEXOS

__49

1. RESUMO

1. RESUMO

A experiência de eventos traumáticos militares pode resultar em diversas consequências psicológicas e sociais para o indivíduo e para os seus sistemas mais próximos, como as suas famílias. Este estudo contribuiu para uma visão psicossocial destes fenómenos, salientando a importância de ter em consideração não o indivíduo isolado, mas os seus diferentes contextos e as interações entre os mesmos (e.g., família, pares, serviços, políticas locais) e o grupo como recurso. Este estudo foi solicitado pela Direcção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (DGRDN) e visa contribuir com uma avaliação de necessidades dos sistemas sociais que envolvem os ex-combatentes de guerra (i.e., famílias e organizações que enquadram estas pessoas). Para tal, foram realizadas 42 entrevistas a dirigentes associativos, técnicos/as de saúde e administrativos/as de instituições que têm contacto com ex-combatentes e famílias. As entrevistas visavam conhecer a instituição, conhecer as necessidades da instituição e conhecer as necessidades dos associados e suas famílias, na perspetiva dos/as técnicos/as e dirigentes das instituições participantes. Os resultados deste estudo demonstraram que as principais necessidades dos ex-combatentes prendem-se com a necessidade de serviços (e.g., de lar e/ou centro de dia) e a falta de reconhecimento. A possibilidade de acompanhamento psicológico dos filhos e esposas dos ex-combatentes foi uma necessidade frequente apontada entre as necessidades das famílias dos ex-combatentes. Verificou-se igualmente que as associações são estruturas fundamentais para reconstruir uma identidade coletiva como uma forma de promover a resiliência. Em suma, este estudo permitiu, através da voz de representantes de associações que enquadram os ex-combatentes, identificar algumas das necessidades dos ex-combatentes e dos seus sistemas sociais. Os resultados permitiram uma reflexão sobre a importância de dar um significado coletivo à situação traumática e de reconhecer o papel fundamental desempenhado pelos sistemas que envolvem o ex-combatente.

2. INTRODUÇÃO

2. INTRODUÇÃO

Tendo em conta a complexidade e morosidade dos processos de qualificação como Deficiente das Forças Armadas, foi determinada, através do Despacho n.º 205/MDN/2013, de 3 de dezembro, a realização de um estudo que possibilitasse a identificação de medidas capazes de tornar mais célere e eficaz a resolução destes processos. No decorrer deste estudo, surgiu igualmente a necessidade de desenvolvimento de uma estrutura capaz de coligir a informação sobre o desenvolvimento da Perturbação de Pós-Stress Traumático e/ou outras perturbações decorrentes da exposição a fatores de stress durante a vida militar.

Neste sentido, foi criado o Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar com o intuito de recolher, organizar, produzir e divulgar conhecimento disperso sobre a temática do stress em contexto militar, assente numa perspetiva multidisciplinar. Entre as diferentes áreas disciplinares, o presente estudo insere-se na área temática psicossocial, mais especificamente, na avaliação de necessidades dos sistemas sociais. Este estudo foi solicitado pela Direcção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (DGRDN) e insere-se no protocolo de projeto entre o Centro de Investigação e Intervenção Social – Instituto Universitário de Lisboa (CIS-IUL) e o Centro de Recursos sobre Stress em Contexto Militar (CRSCM). Com este protocolo, o presente estudo visa contribuir com uma avaliação das necessidades dos sistemas sociais (famílias, instituições de saúde e organizações que enquadram estas pessoas) para lidar com as pessoas com stress em contexto militar.

2.1. Identidade social e experiências traumáticas

As experiências e necessidades das pessoas que estiveram em serviço militar e em contexto de guerra têm sido alvo de investigação ao longo do último século, em particular depois das duas Grandes Guerras. São diversos os conflitos armados no mundo, sendo diversa a investigação que se debruça sobre os seus impactos psicossociais (e.g., Bernardy et al., 2011; Muldoon & Lowe, 2012). Contudo, a população de militares envolvidos nas guerras nas ex-colónias Portuguesas tem sido menos explorada (e.g., Correia, 2014).

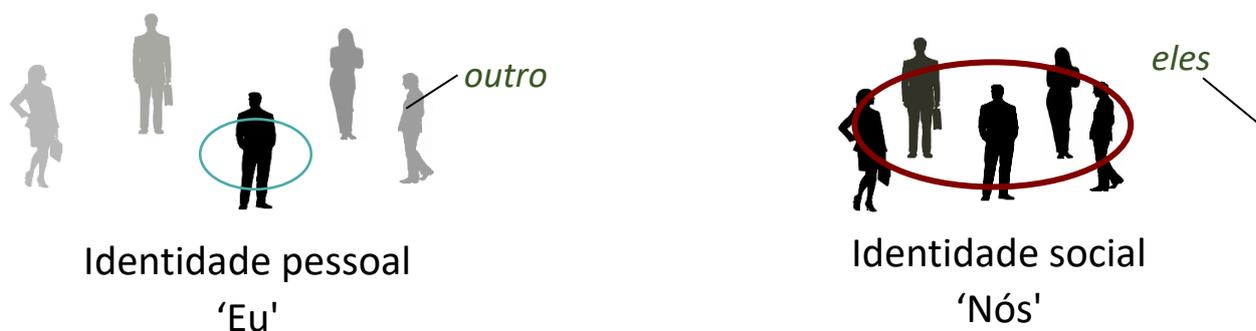
Membros e veteranos que retornam do serviço militar podem vivenciar perturbações e desafios relacionados com stress ao reintegrar-se na comunidade (Elnitsky, Fisher, & Blevins, 2017). A experiência de eventos traumáticos pode resultar em diversas consequências psicológicas, sendo a Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) uma das mais amplamente conhecidas e referenciadas (Muldoon e colegas, 2019). São diversos os modelos e intervenções que abordam o stress e eventos traumáticos, sendo os mais comuns, os modelos biológicos, biomédicos, psicanalíticos e cognitivo-comportamentais. Tanto na psicologia clínica, como na psiquiatria, as abordagens que pretendem descrever, explicar ou tratar perturbações decorrentes de experiências traumáticas ou de stress são, habitualmente, focadas numa perspetiva individual (i.e., do paciente) e não consideram o contexto social onde estes estão situados (e.g., famílias, companheiras, amigos, comunidades; Maercker & Hecker, 2016). O foco na perspetiva individual, apesar de importante, omite a importância de vários fatores externos que podem influenciar o indivíduo. A família, os pares e a sociedade em geral têm impacto no desenvolvimento e manutenção dos sintomas da PTSD e, por isso, o foco apenas no indivíduo pode não ser suficiente para garantir a recuperação (Maercker & Hecker, 2016). Deste modo, a investigação tem questionado e alargado a abordagem centrada unicamente no indivíduo para uma abordagem focada nos processos sociais e interpessoais na PTSD, de forma a complementar os modelos já existentes (e.g., Maercker & Hecker, 2016; Maercker & Horn, 2013).

Assim, o impacto resultante da experiência de eventos traumáticos compromete o indivíduo, bem como a sua relação com o mundo em geral (Haslam, Jetten, Cruwys, Dingle, & Haslam, 2018). A investigação recente refere que o trauma e/ou stress devem ser analisados não apenas como problemas de personalidade, biologia, contexto ou ambiente, mas como um aspeto decorrente de uma variedade de processos sociais e psicológicos interligados e que definem as condições da vida em grupo (Haslam e colegas, 2018). Em particular, processos sociais podem desempenhar um papel importante na compreensão da ocorrência de PTSD e sintomas associados (Corner & Gill, 2019). Muldoon e Lowe (2012) defendem que a identidade social é fundamental para compreender

o papel de fatores grupais em atitudes individuais, comportamentos e saúde mental.

Neste sentido, estudos recentes têm vindo a salientar a importância de aplicar uma abordagem de identidade social à saúde, dada a importância dos grupos sociais e da identificação com estes grupos para a saúde dos indivíduos (e.g., Haslam e colegas, 2018). Muldoon e colegas (2019) consideram que a pertença a grupos sociais (i.e., identidades sociais) pode funcionar como antecedente, mediador e consequência de experiências traumáticas. A identidade social é “a parte do autoconceito que tem origem no seu conhecimento sobre a pertença a um dado grupo social (ou grupos) conjuntamente com o valor e significado emocional relacionado com este grupo” (i.e., o sentimento de não ser apenas ‘eu’, mas ‘nós’; Ramos & Alves, 2011; Figura 1). Pertencer a um grupo social fornece aos seus membros um sentido de identidade social, que não só os descreve, como também determina comportamentos adequados (Tajfel & Turner, 1979).

Figura 1. Identidade pessoal vs. Identidade social



De facto, são vários os estudos que demonstram a importância da identidade social, em diversos contextos. Por exemplo, um estudo revelou que as pessoas tendem a ajudar mais alguém em dificuldades, desde que vejam essa pessoa como sendo parte do seu próprio grupo (Levine, Prosser, Evans, & Reicher, 2005). Um estudo mais recente demonstrou que, quando um indivíduo se define como membro de um determinado grupo, está mais propenso a receber e sentir que recebe suporte por outras pessoas que partilham a mesma identidade social (i.e., suporte social; Haslam e colegas, 2018). A identificação com o grupo influencia igualmente a forma como o indivíduo compreende os

sintomas médicos e as potenciais ameaças à saúde, bem como a quem recorre para obter apoio, a quantidade e utilidade do apoio que recebe (Haslam e colegas, 2018).

Os eventos traumáticos militares são, na sua maioria, experienciados em grupos e é por essa razão que se torna fundamental analisar o papel da identidade social na psicologia do trauma (Haslam e colegas, 2018). Vários estudos têm demonstrado a capacidade da identidade social de moldar a experiência das pessoas e a avaliação de eventos traumáticos (e.g., Drury, Cocking, & Reicher, 2009; Drury, Novelli, & Stott, 2015). Um destes estudos revelou que um sentimento de identidade partilhada com outros está associado a mais perceções de suporte e ajuda (Drury e colegas, 2009). Outros estudos consideraram também a importância de uma identidade social partilhada para o aumento da resiliência, considerando assim a resiliência como um processo coletivo e não um processo individual associado à identidade pessoal (Drury, 2012).

Alguns estudos têm também investigado a PTSD a partir de uma perspetiva de identidade social. Mais especificamente, estudos demonstram que a probabilidade de as pessoas ficarem traumatizadas pela violência decorrente de conflitos intergrupais é maior quando estas não se definem em termos de identidade social. A importância de os indivíduos se considerarem enquanto “*nós*” e a “*nossa causa*” torna este tipo de conflitos menos duradouros e menos difíceis de ultrapassar (Haslam e colegas, 2018; Lowe & Muldoon, 2014). A identidade social pode, desta forma, funcionar como um fator protetor para as pessoas expostas a conflitos e violência.

Não é um processo individual que desencadeia as consequências da exposição ao trauma, mas sim um conjunto de variáveis de todo contexto social das experiências traumáticas, e ao focar o trauma apenas no nível do indivíduo, é ignorado o contexto social das suas experiências (Muldoon & Lowe, 2012). Os autores referem ainda que é fundamental ter em conta o papel do grupo na experiência, avaliação e adaptação ao stress, bem como o papel do indivíduo dentro do grupo e como isto pode modificar a experiência, o seu significado e as consequências das experiências traumáticas. Alguns estudos salientam ainda a importância do papel que novas pertenças a grupos (e.g., grupos que surgem da experiência de eventos traumáticos, como veterano do Vietname) pode ter em

termos de disponibilidade de recursos psicológicos e materiais (e.g., suporte social; Haslam e colegas, 2018).

Em suma, os grupos, o contexto e as identidades sociais são uma fonte de suporte social e permitem transformar experiências de stress traumáticas em potencialidades de re-significado (Haslam e colegas, 2018). Com efeito, no presente estudo, iremos considerar a importância que poderá ter a identificação do ex-combatente com o grupo de ex-combatentes como fator de proteção para o ex-combatente.

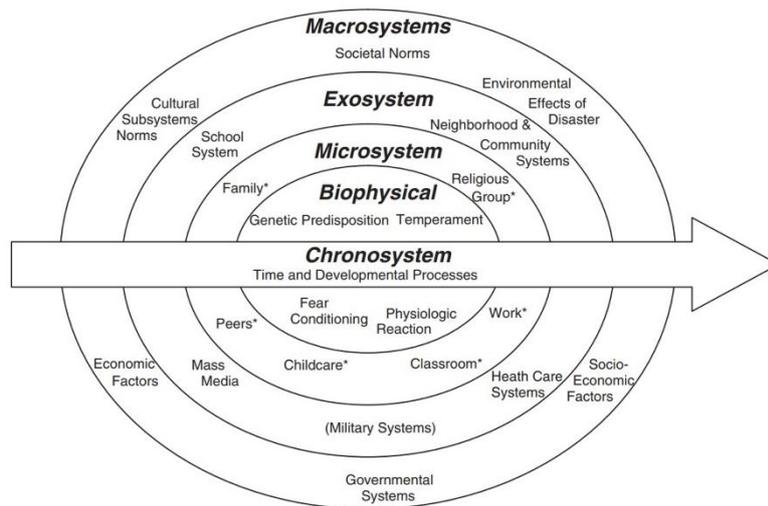
2.2. Abordagem ecológica em eventos traumáticos

Dada a dificuldade ou impossibilidade de intervir a um nível individual com todos aqueles que foram, direta ou indiretamente, vítimas de trauma, poderá ser importante optar por abordagens mais abrangentes de sistemas que permitam conceptualizar e compreender as respostas nos níveis individual, familiar, comunitário e social (Hoffman & Kruczek, 2011). A abordagem dos sistemas ecológicos fornece uma estrutura conceptual importante para compreender fatores de risco e fatores de proteção nas pessoas vítimas de stress ou trauma, bem como para compreender a complexidade destes fenómenos. Um dos modelos de sistemas ecológicos mais estudados é a abordagem ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1979). Esta abordagem enfatiza que a compreensão do desenvolvimento requer uma análise do processo de interação entre a pessoa e os contextos (Bronfenbrenner, 1979). Desta forma, o desenvolvimento humano é marcado por processos de interação recíproca entre contextos de nível macro e micro. Os contextos a que se refere esta abordagem inclui ambientes inclusivos, como a família, escola, trabalho, comunidade, cidade, estado e nação (Harney, 2007).

As experiências de reintegração dos veteranos de guerra são também influenciadas por fatores de diferentes níveis ecológicos (i.e., individual, interpessoal, comunitário e societal; Elnitsky, Blevins, Fisher, & Magruder, 2017). Neste sentido, a investigação tem identificado os múltiplos sistemas que podem influenciar os indivíduos em contexto militar (e.g., veteranos de guerra), como a

família, a unidade militar, grupos afiliados de militar, normas culturais, entre outros (Figura 2; Hoffman & Kruczek, 2011; Wooten, 2013).

Figura 2. Exemplos dos múltiplos sistemas que podem influenciar os indivíduos no contexto militar

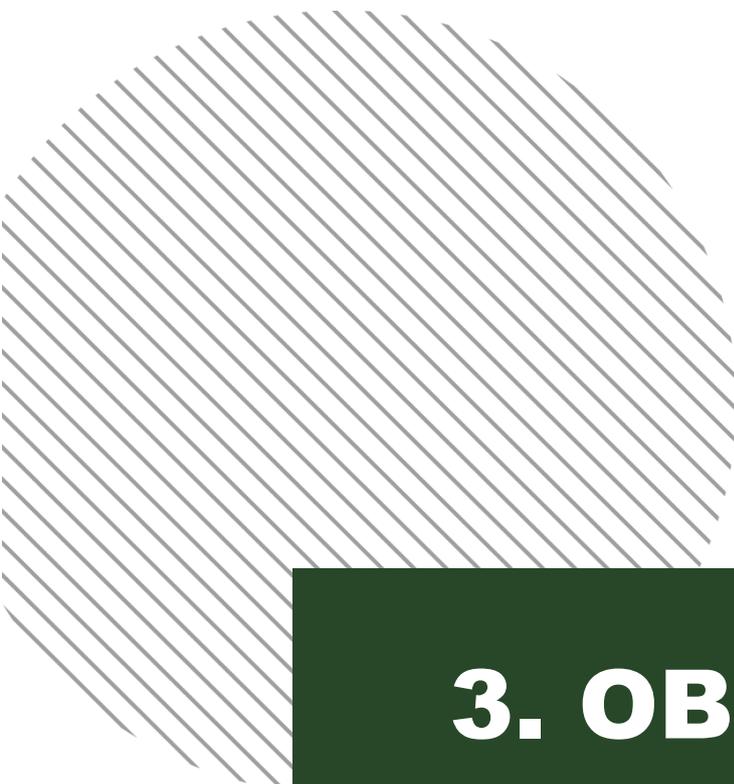


A abordagem ecológica tem sido aplicada a diversos eventos traumáticos, recuperação de trauma e resiliência, considerando a relevância dos sistemas ecológicos para a promoção de resiliência a sobreviventes de trauma (e.g., Harvey, 2007). A resiliência está relacionada com a ausência de PTSD após um evento traumático (e.g., Yehuda, 2004), ou com ausência de outros resultados negativos como a depressão (e.g., King et al., 1999). De uma perspectiva ecológica, a resiliência é uma variável processual e contextual, dependendo dos processos de interação entre a pessoa e os contextos (Harney, 2007). Outros estudos indicam que muitos veteranos de guerra podem sentir-se mais próximos dos seus camaradas do que das suas famílias ou amigos, sendo fundamental que a sua reintegração ocorra a todos os níveis ecológicos (i.e., individual, interpessoal, comunitário e societal; Flynn e colegas, 2019).

De acordo com a abordagem dos sistemas ecológicos, os sistemas que envolvem o indivíduo influenciam-no e moldam-no, ao longo da sua vida. É neste sentido que se torna importante considerar o ambiente que envolve o ex-combatente e que pode funcionar como fator protetor contra as consequências da exposição a eventos traumáticos. Assim, a abordagem ecológica poderá

estabelecer uma estrutura importante para compreender fatores de risco e de proteção relativamente aos ex-combatentes de guerra, bem como os efeitos da guerra para os indivíduos e os seus sistemas (e.g., família, comunidade). Se identificarmos e compreendermos as ligações entre os ex-combatentes e os sistemas que os envolvem, poderemos compreender melhor como estes afetam a forma como os ex-combatentes se adaptam ao longo do tempo, bem como possíveis fatores de risco e de proteção entre estes sistemas. Deste modo, no presente estudo iremos avaliar não só as necessidades dos ex-combatentes, como também as necessidades das suas famílias e das organizações que enquadram os ex-combatentes.

Em suma, propomos que tanto a Teoria da Identidade Social, como o Modelo Ecológico de Bronfenbrenner são abordagens importantes para compreender as necessidades dos ex-combatentes e dos sistemas que o envolvem. Neste sentido, o estudo aqui apresentado é orientado pela abordagem da Teoria da Identidade Social e Modelo Ecológico de Bronfenbrenner, que salientam a importância de ter em consideração o indivíduo, os seus diferentes contextos e as interações entre os mesmos (e.g., família, pares, serviços, políticas locais); e não o indivíduo isolado, mas a sua relação com o grupo como recurso.



3. OBJETIVOS E METODOLOGIA

3. OBJETIVOS E METODOLOGIA

3.1. Contexto e objetivos

O estudo aqui apresentado avalia as necessidades dos ex-combatentes de guerra e dos seus sistemas sociais (famílias e organizações).

Objetivos

Este estudo procura compreender as necessidades com que os ex-combatentes e os seus sistemas sociais (i.e., famílias e organizações que enquadram estas pessoas) se deparam. Mais especificamente, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas para o levantamento de necessidades específicas aos vários sistemas. À semelhança da literatura geral sobre ex-combatentes de guerra, há uma falta de conhecimento sobre as necessidades dos ex-combatentes e sobre os diversos sistemas que envolvem as pessoas com stress em contexto militar (e.g., família). Assim, segundo uma perspetiva de modelo ecológico, quais as necessidades dos ex-combatentes e dos sistemas que envolvem as pessoas com stress em contexto militar?

3.2. Metodologia

Com o objetivo acima descrito, desenvolveu-se um estudo qualitativo teoricamente orientado pela abordagem da Teoria da Identidade Social e Modelo Ecológico de Bronfenbrenner. Optou-se por uma metodologia qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas a *stakeholders*. Neste sentido, o presente estudo consistiu na realização de 42 entrevistas a dirigentes associativos, técnicos/as de saúde e administrativos/as de instituições que têm contacto com ex-combatentes e famílias. As entrevistas foram compostas por 3 secções: 1)

conhecer a instituição; 2) conhecer as necessidades da instituição; e 3) conhecer as necessidades dos associados e suas famílias na perspectiva dos/as técnicos/as e dirigentes das instituições participantes.

3.2.1. Participantes

Participaram neste estudo 42 dirigentes associativos, técnicos/as de saúde e administrativos/as que contactam com ex-combatentes e familiares (20 do sexo feminino e 22 do sexo masculino). Os/as técnicos/as e dirigentes entrevistados/as exerciam funções em seis instituições. Para melhorar a precisão, foram enviados resumos das entrevistas a cada um/a dos/as participantes, de forma a obter a sua validação. Do total das 42 entrevistas, 37 resumos das mesmas foram validados pelos/as participantes (88%).

3.2.2 Instrumento

As entrevistas pretendiam recolher as perceções e experiências dos/as entrevistados/as relativamente às necessidades dos ex-combatentes e dos diversos sistemas que envolvem as pessoas com stress em contexto militar. Nas entrevistas foram abordados tópicos relacionados com a história da associação, serviços prestados, necessidades, entre outros (Tabela 1).

Em seguida, apresenta-se o procedimento utilizado para a análise do material textual recolhido através das entrevistas.

Tabela 1. Protocolo de Entrevista

	Questões
1	Quem são os vossos utentes? Quantos são?
2	Para estes casos, o que a instituição oferece? Que serviços a instituição oferece? (E a quem se destinam? E.g., próprios ou familiares)
3	Quando identificado um ex-militar em atendimento, qual o procedimento? (O que faz de diferente dos outros utentes?)
4	Na sua perspetiva, o que é que acha que estes ex-militares necessitam? (famílias, ex-militares, trabalho)
5	Com a sua experiência, o que é que acredita que falta aos ex-militares?
6	Que informações são solicitadas por parte dos ex-militares?

7	Que outras áreas de intervenção acredita serem necessárias para os ex-militares, aqui nos vossos serviços? (o que acredita que pode ser importante implementar nos vossos serviços?)
8	O que sente ser prioritário fazer?
9	Pela sua experiência, o que acredita ser um bom primeiro passo?

3.2.3. Procedimento

De forma a identificar os possíveis *Stakeholders* deste projeto, efetuou-se uma pesquisa utilizando como critério as associações e instituições que contactam com os ex-combatentes e respetivas famílias, seja numa perspetiva de prestação de serviços (militares ou civis) como também de associativismo, sendo identificadas 23. Deste total, foram selecionadas 10 associações, situadas geograficamente nas regiões de Lisboa, Porto, Braga, Tondela, Castelo de Paiva e Entroncamento, que prestam serviços e apoio a ex-combatentes e famílias (Tabela 2). No Anexo A estão disponíveis informações mais detalhadas acerca de cada uma das associações.

Tabela 2. Identificação de *Stakeholders*

	SIGLA	ASSOCIAÇÃO
1	ADFA	Associação de Deficientes das Forças Armadas
2	APOIAR	Associação de Apoio aos Ex-combatentes Vítimas do Stress de Guerra
3	APVG	Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra
4	ANCU	Associação Nacional dos Combatentes do Ultramar
5	ACUP	Associação dos Combatentes do Ultramar Português
6	MAC	Movimento Cívico de Antigos Combatentes
7	LC	Liga dos Combatentes
8	AF	Associação de Fuzileiros
9	AC	Associação de Comandos
10	ASMIR	Associação dos Militares na Reserva e Reforma

O processo de recrutamento dos/as entrevistados/as decorreu em momentos temporais distintos, tendo sido utilizados procedimentos diferenciados:

- 1) Inicialmente, as associações foram contactadas por parte do Ministério da Defesa Nacional, que as informou que seriam contactadas pela equipa de investigação;
- 2) Posteriormente, a equipa de investigação contactou (por telefone e email) as instituições identificadas, contextualizando e solicitando a sua participação no projeto.

Na sequência destes contactos, e entre os 10 *Stakeholders* identificados, seis aceitaram participar no projeto. Assim, foram realizadas um total de 42 entrevistas, contando com a participação de 17 dirigentes, 8 psicólogos/as, 3 assistentes sociais, 3 médicos/as, 1 fisioterapeuta, 3 juristas e 7 administrativos/as.

As entrevistas decorreram em Lisboa, Porto, Tondela, Castelo de Paiva e Braga; foram realizadas de forma presencial e tiveram lugar nos locais de trabalho dos/as entrevistados/as (i.e., na respetiva instituição). Inicialmente, solicitava-se aos/às entrevistados/as a leitura do consentimento informado, sendo garantido o anonimato e confidencialidade das suas respostas, e só depois de lido e assinado se dava início à entrevista e respetiva gravação. A duração das entrevistas variou entre 15 minutos e 1 hora e 15 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio, posteriormente transcritas e resumidas. As entrevistas foram realizadas e transcritas pela coordenadora deste projeto e por um assistente de investigação.



42
ENTREVISTAS



6
INSTITUIÇÕES



4. RESULTADOS

4. RESULTADOS

Depois de transcritas e resumidas, as entrevistas foram analisadas com o auxílio do Software NVivo (versão 12 para Windows), que possibilita a análise de conteúdo e respetiva criação e organização de categorias e subcategorias, às quais podemos associar extratos que incidem sobre a mesma temática.

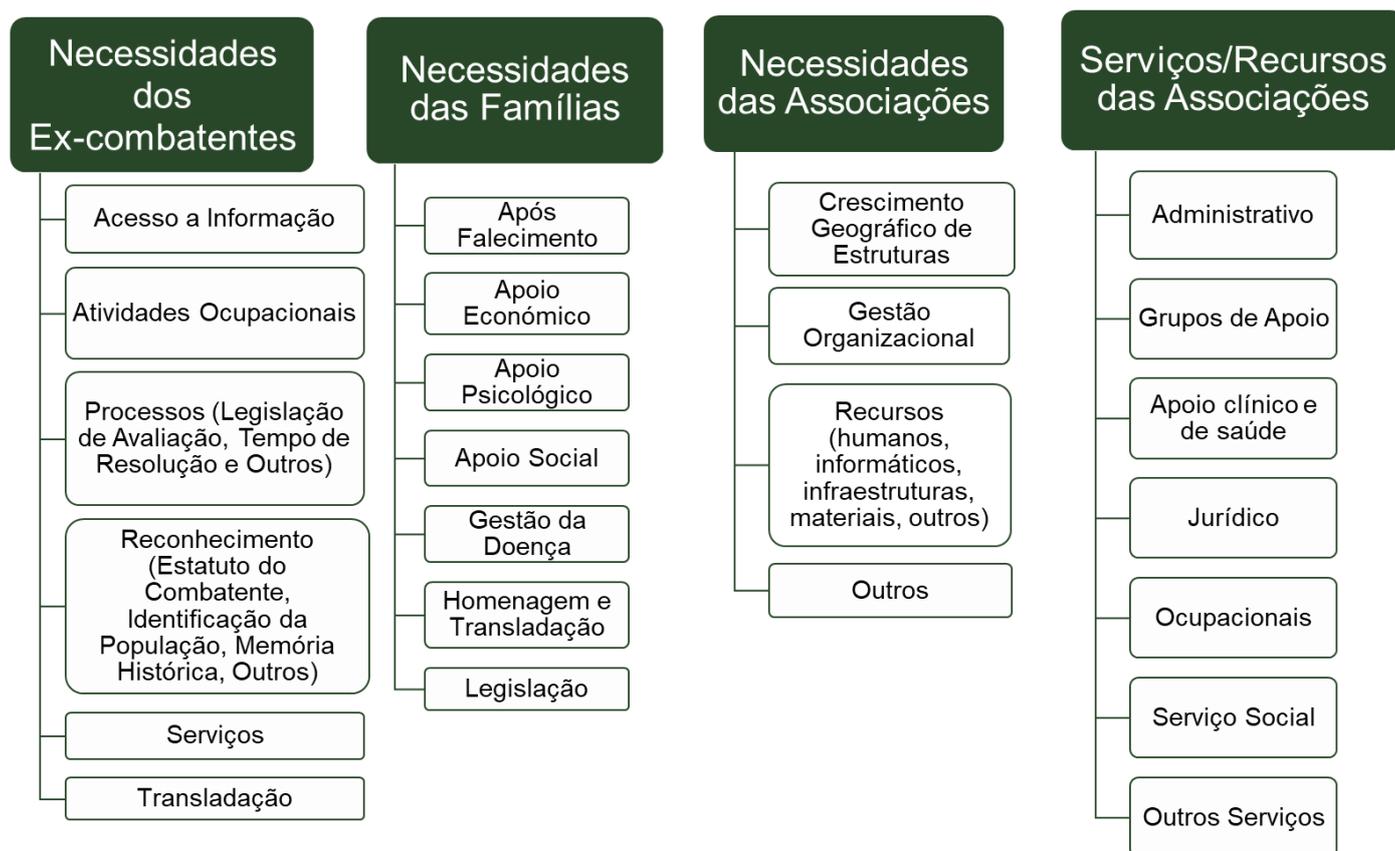
Inicialmente, estabeleceram-se categorias à priori, através de uma abordagem indutiva, que no decorrer da análise do *corpus* foram sofrendo alterações, sendo recodificadas relativamente à descrição que representa a categoria e também o sistema de categorias (à posteriori; e.g., Braun & Clarke, 2006). Para cada categoria principal, criaram-se várias subcategorias para representar todos os componentes das categorias principais. As unidades de registo utilizadas para a análise foram de carácter semântico, representando o tema da categoria e unidades de contexto, caracterizando um conteúdo alargado da unidade de registo. Como indicador de validade interna, utilizou-se um sistema de exclusividade, sendo que cada unidade de registo foi classificada em apenas uma categoria.

Através do sistema de categorização à priori foram criadas as seguintes categorias analíticas:

1. Necessidades dos Ex-combatentes
2. Necessidades das Famílias
3. História da Associação
4. Serviços

Posteriormente, após a análise dos dados, foram criadas novas categorias e subcategorias específicas emergentes do discurso dos/as entrevistados/as (Figura 3).

Figura 3. Sistema de Categorias



De acordo com a Figura 3, os conceitos emergentes do discurso dos/as entrevistados/as têm como primeira categoria as *necessidades dos ex-combatentes*, que corresponde à caracterização das necessidades dos ex-combatentes segundo a perspectiva dos/as técnicos/as e dirigentes. A segunda categoria designada de *necessidades das famílias* refere-se às necessidades das famílias, incluindo esposas e filhos, segundo a perspectiva dos/as técnicos/as e dirigentes. A terceira categoria inclui as *necessidades das associações*, segundo os/as técnicos/as e dirigentes das mesmas. Por último, a quarta categoria refere-se aos *serviços/recursos* disponíveis nas associações.

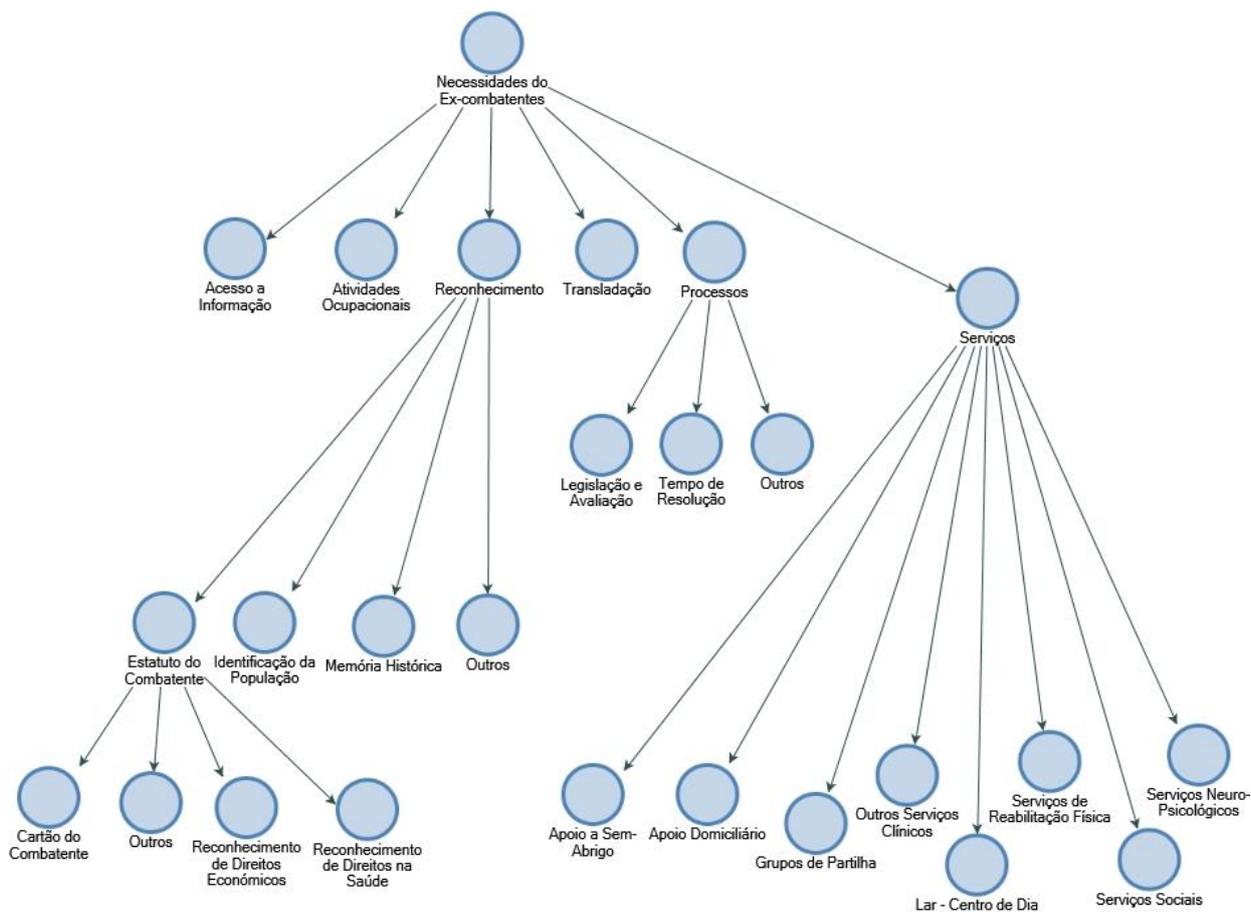
De seguida, apresentamos as especificidades de cada categoria emergente e suas subcategorias.

4.1. Necessidades dos Ex-combatentes

A categoria *necessidades dos ex-combatentes* englobou um total de seis subcategorias (Figura 4), referenciadas 240 vezes pelos/as entrevistados/as

(Tabela 3). Esta categoria engloba o acesso a informação, sobre temas como direitos, serviços e saúde; atividades ocupacionais, com foco na saúde física e na ocupação de tempos-livres, vida social ativa e estratégias para combater a solidão. Esta categoria contempla também a referência a necessidades focadas nos processos militares, em particular a legislação de avaliação, tempo de resolução e outros. Engloba, ainda, a necessidade de reconhecimento, nomeadamente a identificação da população, memória histórica, o estatuto do combatente e outros. Igualmente, contempla os serviços para suprimir as necessidades dos ex-combatentes, em particular apoio a sem-abrigo, apoio domiciliário, grupos de partilha, lar-centro de dia, outros serviços clínicos, serviços de reabilitação física, serviços neuropsicológicos e serviços sociais. Por último, engloba ainda processos de transladação, nomeadamente referência aos corpos que ficaram nas ex-colónias e a necessidade de transportá-los para Portugal.

Figura 4. Mapa de Necessidades dos Ex-combatentes



A subcategoria mais referenciada pelos/as entrevistados/as, no que toca às necessidades dos ex-combatentes, foram os *serviços* para suprimir as necessidades dos ex-combatentes ($n = 86$; 36%). Os/as entrevistados/as salientaram sobretudo a necessidade de serviços de lar e/ou centro de dia para os ex-combatentes e esposas ($n = 19$), a necessidade de serviços de apoio domiciliário ($n = 15$) e de serviços de acompanhamento psicológico e neurológico ($n = 12$). Alguns exemplos das afirmações dos/as entrevistados/as acerca desta subcategoria foram os seguintes:

“(...) pensar no futuro em termos de geriatria, num lar ou instituição de geriatria/ocupacional orientada para os veteranos de guerra, apoio de enfermagem e apoio social permanente.”

TÉCNICO

“Pela idade (dificuldade de deslocação e acamados) e isolamento, é necessário existir em cada cidade, assistentes sociais, psicólogos, fisioterapeutas e serviços de saúde médica para apoio domiciliário (...).”

TÉCNICO

“(...) maior parte dos associados necessita de apoio psicológico (...).”

ADMINISTRATIVO

A necessidade de *reconhecimento aos ex-combatentes* foi a segunda subcategoria mais referenciada pelos/as entrevistados/as. Mais especificamente, 80 (33%) unidades de registo foram classificadas na subcategoria *reconhecimento*. Os/as entrevistados/as salientaram sobretudo questões relacionadas com a criação de um estatuto do combatente (e.g., cartão do combatente; reconhecimento de direitos económicos). Alguns exemplos abaixo ilustram estas referências feitas pelos/as entrevistados/as:

“(...) reconhecimento do ex-combatente (pode passar pelo cartão de combatente), todos terem acesso aos hospitais militares e acompanhamento psicológico das famílias (esposas, filhos e netos).”

ADMINISTRATIVO

“(...) os associados necessitam de um retorno remuneratório para alguma estabilidade económica e para o seu dia-a-dia.”

TÉCNICO

“(...) a isenção do IRS do subsídio das Vindimas (nome que dão ao Complemento Especial de Pensão).”

DIRIGENTE

As *atividades ocupacionais* com foco na saúde física e na ocupação de tempos-livres, vida social ativa e estratégias para combater a solidão foram também salientadas por alguns dos/as entrevistados/as ($n = 39$). Os/as entrevistados/as mencionaram, por exemplo:

“Muitos passam pela solidão (...) A pessoa sente-se melhor num ambiente que haja ex-combatentes e com pessoas que lidam com estas situações.”

TÉCNICO

“(...) os associados necessitam de atividades e passeios de uma forma contínua (piscinas, ginásios, transporte).”

ADMINISTRATIVO

A importância de necessidades focadas nos *processos* militares foi também referenciada por alguns dos/as entrevistados/as ($n = 20$). Os/as entrevistados/as sublinharam sobretudo o tempo de resolução, nomeadamente, a morosidade na resposta da decisão e respetivos impactos ($n = 10$) e a legislação de avaliação dos processos (i.e., as fases de avaliação dos processos, reconhecimento da doença/incapacidade e os graus de incapacidade; $n = 7$). Alguns dos exemplos expressados pelos/as entrevistados/as foram:

“É importante facilitar em termos processuais, pois demora muito a resolver um processo militar (...).”

TÉCNICO

“(...) é preciso serem todos avaliados da mesma forma (DFA e não DFA)”

TÉCNICO

Foram ainda feitas 3 referências aos processos de *transladação*, nomeadamente aos corpos que ficaram nas ex-colónias e a necessidade de transportá-los para Portugal. Os/as entrevistados/as salientaram, por exemplo:

“Muitos também falam dos corpos portugueses que não vierem para cá, e que lhes custava imenso, “muitos foram lá deixados”.”

TÉCNICO

“(…) é importante trazer os corpos que estão lá fora (repatriar os corpos).”

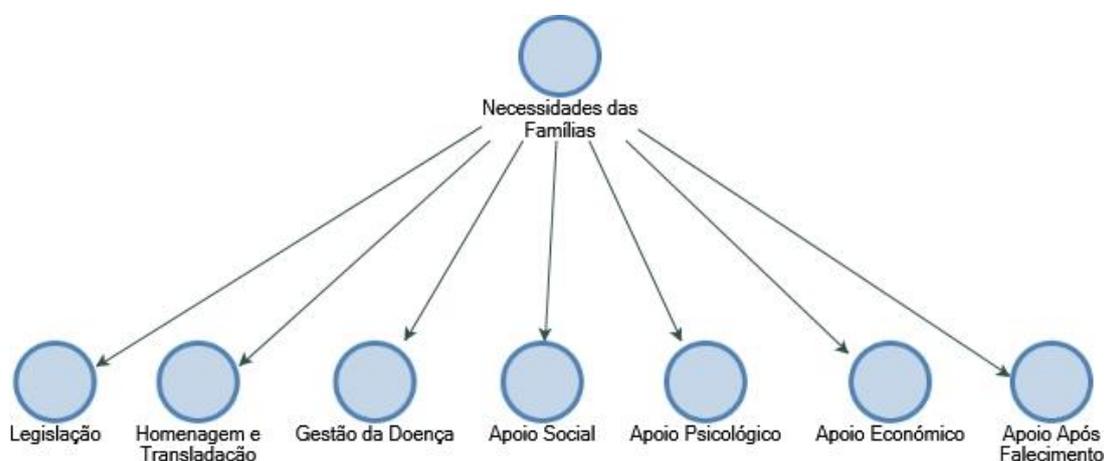
DIRIGENTE

Tabela 3. Frequência de referências às necessidades dos ex-combatentes

Categoria: Necessidades dos Ex-combatentes	Nº de Referências
Subcategorias:	240
Acesso a Informação	12
Atividades Ocupacionais	39
Processos	20
Legislação de Avaliação	7
Outros	3
Tempo de Resolução	10
Reconhecimento	80
Identificação da População	9
Memória Histórica	11
Estatuto do Combatente	51
Cartão do Combatente	5
Reconhecimento de Direitos Económicos	11
Reconhecimento de Direitos na Saúde	28
Outros	7
Outros	9
Serviços	86
Apoio a Sem-Abrigo	3

também a referência à necessidade de acompanhamento psicológico dos filhos e esposas dos ex-combatentes e apoio social para as esposas. Engloba, ainda, a gestão da doença, nomeadamente a necessidade de conhecer e saber como gerir as situações resultantes da doença do ex-combatente. Igualmente, contempla a necessidade de transladação do corpo de ex-combatentes com o objetivo de prestar homenagem. Por último, engloba ainda questões relacionadas com legislação, nomeadamente, a referência a estatutos e direitos da família do ex-combatente.

Figura 6. Mapa de Necessidades das Famílias



A subcategoria mais referenciada pelos/as entrevistados/as, no que toca às necessidades das famílias, foi a necessidade de *apoio psicológico* para filhos e esposas dos ex-combatentes ($n = 12$; 32%). Alguns exemplos das afirmações dos/as entrevistados/as acerca desta subcategoria foram os seguintes:

“Relativamente aos filhos acredita que necessitam de acompanhamento psicológico, tal como as esposas.”

TÉCNICO

“As famílias têm sofrido com eles, muitas esposas telefonam para desabafar, muitas estão com depressão devido ao stress dos ex-combatentes e muitas

são acompanhadas em psiquiatria, outras "deixam no ar que precisam de mais apoio".

ADMINISTRATIVO

A necessidade de *apoio após falecimento* do ex-combatente, *apoio social* e questões relacionadas com *legislação* foram as subcategorias seguintes mais referenciada pelos/as entrevistados/as ($n = 6$). Alguns exemplos abaixo ilustram estas referências feitas pelos/as entrevistados/as:

"(...) a importância da continuidade do apoio às famílias (filhos e esposas) após a morte do ex-combatente."

TÉCNICO

"(...) é importante as esposas se autonomizarem e ocuparem-se com atividades. (...)."

TÉCNICO

"(...) um estatuto de cuidador com alguma forma de compensação para as esposas, tendo em consideração os graus de incapacidade (...)."

TÉCNICO

A necessidade de conhecer e saber como gerir as situações resultantes da doença do ex-combatente (i.e., *gestão da doença*) foi também referenciada por alguns dos/as entrevistados/as ($n = 4$). Alguns dos exemplos expressados pelos/as entrevistados/as foram:

"(...) as esposas pedem efetivamente ajuda para lidar com a perturbação psicológica dos seus maridos."

TÉCNICO

"(...) importante apoiar as famílias através de informação sobre a doença para que compreendam os comportamentos do ex-combatente e conseguirem ajudá-lo e ajudarem-se a conviver, "tenham alguma paz"."

TÉCNICO

O *apoio económico* com foco nas dificuldades económicas da família foi também salientado por alguns dos/as entrevistados/as ($n = 3$). Os/as entrevistados/as mencionaram, por exemplo:

“(...) ainda, identifica o sofrimento das famílias referindo um exemplo de agressão por falta de medicação (problemas monetários).”

DIRIGENTE

Foi feita ainda uma referência à necessidade de *homenagem e transladação* do corpo de ex-combatentes:

“(...) a necessidade de expatriar os corpos para as famílias prestarem homenagem.”

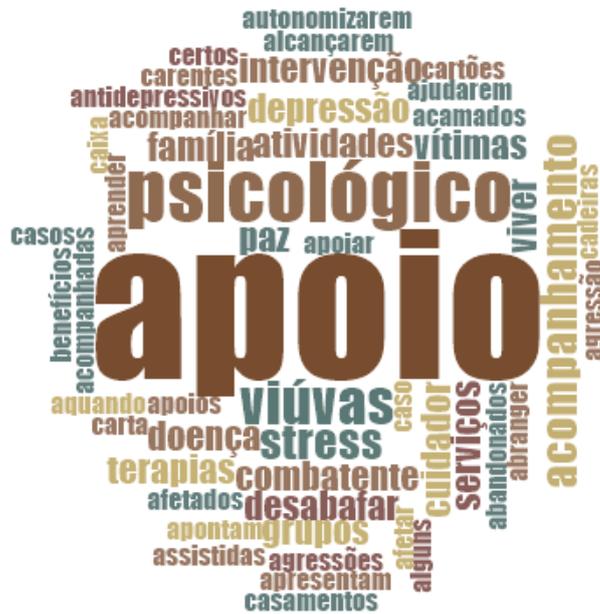
DIRIGENTE

Tabela 4. Frequência de Referências às Necessidades das Famílias

Categoria: <i>Necessidades das Famílias</i>	Nº de Referências
Subcategorias:	38
Apoio Após Falecimento	6
Apoio Económico	3
Apoio Psicológico	12
Apoio Social	6
Gestão da Doença	4
Homenagem e Transladação	1
Legislação	6

Na Figura 7 é possível visualizar a frequência de palavras referenciadas acerca das necessidades das famílias.

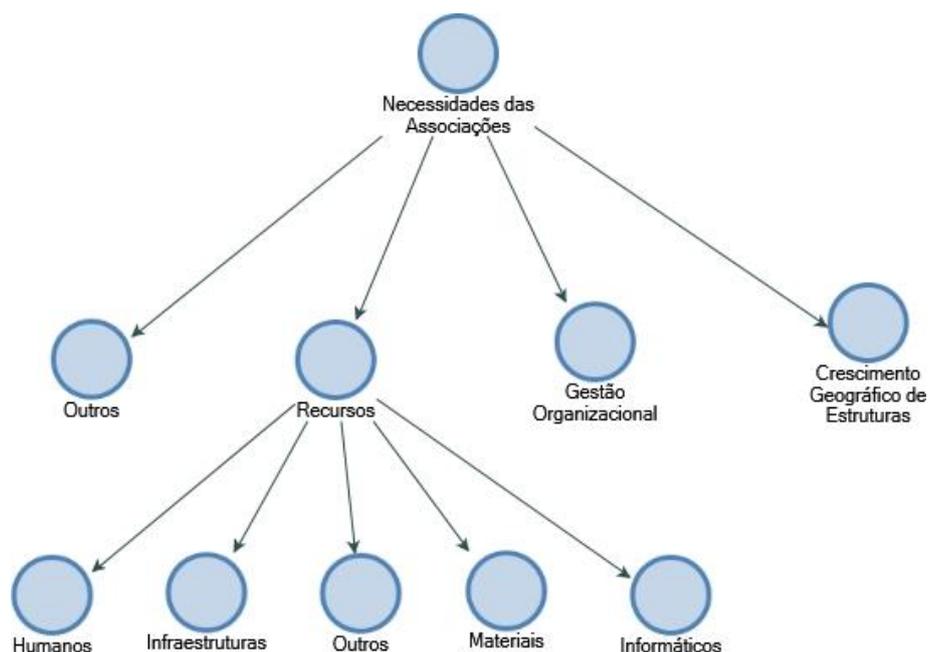
Figura 7. Frequência de palavras acerca necessidades das famílias



4.3. Necessidades das Associações

A categoria necessidades das associações englobou um total de sete subcategorias (Figura 8), referenciadas 44 vezes pelos/as entrevistados/as (Tabela 5). Esta categoria engloba o crescimento geográfico de estruturas, com foco nas necessidades de criação de estruturas noutras localizações geográficas. Esta categoria contempla também a gestão organizacional, com referência às dificuldades ao nível da cultura, das estratégias e gestão da própria organização. Engloba, ainda, as necessidades de recursos humanos, com necessidades de mão-de-obra que afeta os serviços prestados pela associação, recursos informáticos, recursos de infraestruturas, materiais e outros. Por último, engloba ainda outros temas relevantes para a associação, que não se inserem nas subcategorias anteriores.

Figura 8. Mapa de Necessidades das Associações



A subcategoria mais referenciada pelos/as entrevistados/as, no que toca às necessidades das associações, foram os *recursos* ($n = 21$). Os/as entrevistados/as salientaram sobretudo necessidades de mão-de-obra que afeta os serviços prestados pela associação (i.e., recursos humanos; $n = 5$) e dificuldades físicas nas instalações ($n = 5$). Alguns exemplos das afirmações dos/as entrevistados/as acerca desta subcategoria foram os seguintes:

“(…) a secretaria funcionaria melhor com mais uma pessoa (…).”

ADMINISTRATIVO

“(…) é prioritário fazerem uma obra profunda às instalações, pois existe necessidade de gabinetes (…).”

ADMINISTRATIVO

A *gestão organizacional* foi a segunda subcategoria mais referenciada pelos/as entrevistados/as ($n = 13$). Os/as entrevistados/as salientaram sobretudo questões relacionadas com dificuldades ao nível da cultura, das estratégias e gestão da própria organização. Alguns exemplos abaixo ilustram estas referências feitas pelos/as entrevistados/as:

“(...) uma reunião periódica entre os vários trabalhadores para discussão de casos e até melhor os atendimentos.”

TÉCNICO

“(...) enquanto instituição é importante se reinventar, está na génese da Associação reivindicar, mas tem que deixar todo o Know-how como contributo para a sociedade.”

TÉCNICO

O crescimento geográfico de estruturas, nomeadamente as necessidades de criação de estruturas noutras localizações geográficas foram também salientadas por alguns dos/as entrevistados/as ($n = 5$). Os/as entrevistados/as mencionaram, por exemplo:

“(...) necessidade de se criarem estruturas de suporte noutras zona do país, em que haja maior dificuldade de acessos aos serviços.”

TÉCNICO

“(...) criar delegações, principalmente no Norte e zonas mais isoladas, no interior.”

TÉCNICO

Foram feitas ainda 5 referências a outros temas relevantes para a associação, que não se inserem nas subcategorias anteriores. Os/as entrevistados/as salientaram, por exemplo:

“(...) haver mais partilha entre as associações, através de colóquios e reuniões para partilha de intervenções e desafios.”

TÉCNICO

“(...) sensibilização para respeitarem mais as mulheres (técnicas) (...)”

ADMINISTRATIVO

Tabela 5. Frequência de Referências às Necessidades das Associações

Categoria: <i>Necessidades das Associações</i>		Nº de Referências
Subcategorias:		44
Crescimento Geográfico de Estruturas		5
Gestão Organizacional		13
Recursos		21
	Humanos	5
	Informáticos	4
	Infraestruturas	5
	Materiais	3
	Outros	4
Outros		5

Na Figura 9 é possível visualizar a frequência de palavras referenciadas acerca das necessidades das famílias.

Figura 9. Frequência de palavras acerca das necessidades das associações

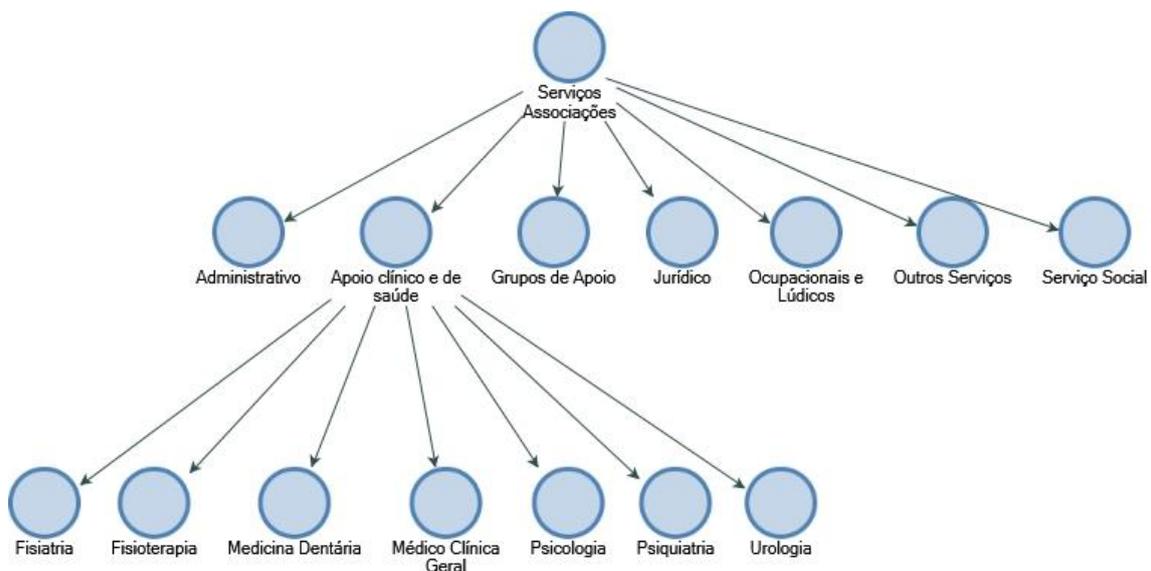


4.4. Serviços/Recursos das Associações

Além das categorias emergentes do discurso dos/as entrevistados/as, referentes às necessidades dos ex-combatentes, famílias e associações, surgiram também referências relativas aos recursos e serviços prestados pelas associações. Esta categoria englobou um total de sete subcategorias (Figura 10), referenciadas 215 vezes pelos/as entrevistados/as (Tabela 6). Neste sentido, a partir do discurso dos/as entrevistados/as foi possível identificar os serviços prestados pelas associações aos ex-combatentes e suas famílias.

Muitas das associações fornecem serviços de *apoio clínico e de saúde* ($n = 124$; e.g., clínica geral, fisioterapia, psiquiatria, fisioterapia e psicologia). Além deste serviço, os/as entrevistados/as indicaram também a existência de *serviço social* ($n = 26$; i.e., através de assistentes sociais), *apoio jurídico* ($n = 18$; e.g., no âmbito dos processos de qualificação como deficiente das Forças Armadas) e *atividades ocupacionais e lúdicas* ($n = 24$; e.g., hidroginástica e informática, eventos de grupo, passeios para conviver). Alguns/mas dos/as entrevistados/as fizeram referência à existência de *apoio administrativo* ($n = 11$; e.g., preenchimento de impressos). Por último, alguns/mas dos/as entrevistados/as indicaram a existência de *grupos de apoio* (e.g., terapias de grupo) em algumas das associações ($n = 6$).

Figura 10. Mapa de Serviços/Recursos das Associações





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A criação, em 2015, do Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar permitiu que o Ministério da Defesa dispusesse de uma estrutura que permitisse recolher, organizar, produzir e divulgar conhecimento disperso sobre a temática do stress em contexto militar, assente numa perspetiva multidisciplinar. Inserido nesse Centro e com base no protocolo assinado com o Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL) em 2016, o presente estudo foca-se na área temática psicossocial, mais especificamente, na avaliação de necessidades dos sistemas sociais.

O principal objetivo deste estudo foi compreender as necessidades com que os ex-combatentes e os sistemas sociais (i.e., famílias e organizações que enquadram estas pessoas) se deparam.

Os resultados do presente estudo são demonstrativos da relevância de considerar os sistemas que envolvem o ex-combatente, nomeadamente as suas famílias e organizações que os enquadram. Os resultados permitem ainda demonstrar a importância de trabalhar uma identidade social e não apenas problemas individuais e focados unicamente no indivíduo (e.g., Haslam, Jetten, Postmes, & Haslam, 2009; Haslam & Reicher, 2006; Muldoon e colegas, 2019). Muitos dos relatos dos/as entrevistados/as salientam a importância da integração dos ex-combatentes num grupo de partilha de problemas comuns. Estes resultados vão de encontro com estudos que demonstram a importância da identidade social como resposta a eventos traumáticos e que são a base para respostas efetivas e resiliência (Haslam e colegas, 2018). Os resultados revelaram também que as principais necessidades dos ex-combatentes prendem-se com a falta de acesso a atividades ocupacionais (sociais), e a falta de reconhecimento, por exemplo, do seu estatuto de combatente e dos seus direitos. A criação de um cartão de combatente é também referenciada por

alguns dos/as entrevistados/as e poderá ser uma forma eficaz de fomentar o sentido de pertença ao grupo dos ex-combatentes.

Reorientar as identidades dos ex-combatentes, de forma a identificarem-se mais com o grupo dos ex-combatentes (e.g., através dos grupos de partilha ou do cartão de combatente) pode dar um significado coletivo à situação traumática vivida e partilhada pelo grupo e atenuar as consequências causadas por estas situações traumáticas (e.g., Drury e colegas, 2009; Jetten, Haslam & Haslam, 2012; Vezzali, Drury, Versari & Cadamuro, 2016). Paralelamente, o desenvolvimento de atividades ocupacionais com foco na saúde física e na ocupação de tempos-livres e vida social ativa poderão ser importantes estratégias para combater a solidão, fomentar a solidariedade e o sentido de pertença ao grupo do ex-combatentes. Através do sentido de pertença ao grupo e, em linha com a investigação anterior (e.g., Muldoon e colegas, 2019), vários recursos podem surgir, como suporte social, sentido de pertença, solidariedade e capacitação coletiva.

Salientamos, desta forma, a importância da criação de serviços, como grupos de partilha, e a necessidade de reconhecimento dos ex-combatentes, de forma a suprimir as suas necessidades e atenuar as consequências dos eventos traumáticos vividos.

No que toca às famílias dos ex-combatentes, os resultados do estudo são demonstrativos da necessidade de acompanhamento psicológico dos filhos e esposas dos ex-combatentes, bem como de apoio domiciliário e após o falecimento dos ex-combatentes. Estes resultados vão de encontro à investigação anterior (e.g., Goff & Smith, 2005; Nunes, 2010) que tem demonstrado que as consequências traumáticas da guerra se estendem também às famílias dos ex-combatentes. Neste sentido, é também importante considerar as necessidades deste microssistema, dado o papel de suporte e de cuidadores que, muitas vezes, desempenham para com os ex-combatentes. Intervenções futuras devem, assim, integrar também as famílias dos ex-combatentes de guerra, tal como indicado em estudos anteriores (e.g., Lester & Flake, 2013).

A possibilidade do acompanhamento psicológico dos filhos e esposas dos ex-combatentes é uma necessidade frequente entre as necessidades das famílias dos ex-combatentes.

As associações que enquadram os ex-combatentes são estruturas fundamentais para reconstruir uma identidade coletiva como uma forma de promover a resiliência e combater a solidão por que muitos dos ex-combatentes passam. Os resultados do presente estudo revelaram que as associações indicam a necessidade de se criarem estruturas de suporte noutras zona do país, em que haja maior dificuldade de acessos aos serviços, bem como a falta de recursos que impedem o funcionamento de certos serviços também importantes para os ex-combatentes (e.g., fisioterapia). Consequentemente, estes resultados indicam a necessidade de investimento nestas associações, de forma a garantir que qualquer ex-combatente tenha o devido acesso a associações de apoio aos ex-combatentes e famílias, o que permitirá dar resposta a algumas das necessidades dos ex-combatentes.

Simultaneamente, as associações podem funcionar como forma de fomentar a identidade social dos ex-combatentes e o sentido de pertença ao grupo dos ex-combatentes (e.g., Haslam e colegas, 2018; Muldoon e colegas, 2019). Para tal, são também fundamentais muitos dos serviços e recursos fornecidos pelas associações, tais como, as atividades ocupacionais e lúdicas, que permitem, aos ex-combatentes e suas famílias, conviver com outros camaradas e partilhar os momentos passados. As associações tornam-se também essenciais dados os serviços clínicos e técnicos que dispõem para apoiar os ex-combatentes e as suas famílias.

Deste modo, os resultados do estudo sugerem que é necessário um maior investimento nas associações que enquadram os ex-combatentes e as suas famílias, dada a sua importância para reconstruir uma identidade coletiva.

Em suma, este estudo permitiu, através da voz de representantes de associações que enquadram os ex-combatentes, identificar algumas das necessidades dos ex-combatentes e dos seus sistemas sociais. Os resultados permitiram uma reflexão sobre a importância de dar um significado coletivo à situação traumática e de reconhecer o papel fundamental desempenhado pelos sistemas que envolvem o ex-combatente. Ao identificar e compreender as ligações entre os ex-combatentes e os sistemas que os envolvem, poderemos compreender melhor como estes afetam a forma como os ex-combatentes se adaptam ao longo do tempo, bem como possíveis fatores de risco e proteção entre estes sistemas.

5.1. Limitações

Embora reconheçamos as contribuições deste estudo, também reconhecemos algumas limitações. Em primeiro lugar, a amostra foi relativamente pequena, apesar de adequada para um estudo qualitativo. Mais ainda, os dados apresentados refletem apenas a perspetiva dos/as representantes de associações que enquadram os ex-combatentes. Estudos futuros poderão incluir as perspetivas dos ex-combatentes e das suas famílias.

Não obstante, o presente estudo contribui para uma melhor caracterização das necessidades dos ex-combatentes e sistemas que os envolvem, salientando-se o carácter inovador da abordagem coletiva adotada.

5.2. Pontos a reter

- As principais necessidades dos ex-combatentes prendem-se com a necessidade de serviços (e.g., de lar e/ou centro de dia) e a falta de reconhecimento;
- Revela-se importante trabalhar uma identidade social e não apenas problemas individuais;

- São necessários mais estudos e apoios para as necessidades de elementos das famílias (e.g., cônjuges e descendentes) que decorrem das experiências militares dos ex-combatentes;
- As associações são estruturas fundamentais para reconstruir esta identidade coletiva como uma forma de promover a resiliência;
- Os dados do presente estudo suportam a proposta de criação de veículos de reconhecimento e de identidade social.



6. BIBLIOGRAFIA

6. BIBLIOGRAFIA

- Bernardy, N. C., Hamblen, J. L., Friedman, M. J., Ruzek, J. I., & McFall, M. E. (2011). Implementation of a posttraumatic stress disorder mentoring program to improve treatment services. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 3(3), 292–299. doi:10.1037/a0024847
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi:10.1191/1478088706qp063oa
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Corner, E. & Gill, P. (2019). Psychological Distress, Terrorist Involvement and Disengagement from Terrorism: A Sequence Analysis Approach. *Journal of Quantitative Criminology*. doi:10.1007/s10940-019-09420-1
- Correia, A. (2014). *Operações De Paz e Stresse Pós-Traumático (SPT) em Militares Portugueses*. Manuscrito não publicado, Universidade Autónoma de Lisboa.
- Drury, J. (2012). Collective resilience in mass emergencies and disasters. In J. Jetten, C. Haslam, & S. A. Haslam (Eds.), *The social cure: Identity, health and well-being* (pp. 195–215). Hove: Psychology Press.
- Drury, J., Cocking, C., & Reicher, S. (2009). Everyone for themselves? A comparative study of crowd solidarity among emergency survivors. *British Journal of Social Psychology*, 48, 487–506. doi:10.1348/014466608X357893
- Drury, J., Novelli, D., & Stott, C. (2015). Managing to avert disaster: Explaining collective resilience at an outdoor music event. *European Journal of Social Psychology*, 45(4), 533-547. doi:10.1002/ejsp.2108
- Elnitsky, C. A., Blevins, C. L., Fisher, M. P., & Magruder, K. (2017). Military service member and veteran reintegration: A critical review and adapted ecological model. *American Journal of Orthopsychiatry*, 87(2), 114–128. doi:10.1037/ort0000244

- Elnitsky, C. A., Fisher, M. P., & Blevins, C. L. (2017). Military Service Member and Veteran Reintegration: A Conceptual Analysis, Unified Definition, and Key Domains. *Frontiers in Psychology, 8*. doi:10.3389/fpsyg.2017.00369
- Flynn L, Krause-Parello C, Chase S, Connelly C, Decker J, Duffy S, et al. (2019). Toward Veteran-Centered Research: A Veteran-Focused Community Engagement Project. *Journal of Veterans Studies, 4*(2), 265–277. doi:10.21061/jvs.v4i2.119
- Goff, B. S. N., & Smith, D. B. (2005). Systemic traumatic stress: the couple adaptation to traumatic stress model. *Journal of Marital and Family Therapy, 31*(2), 145–157. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01552.x
- Harney, P. A. (2007). Resilience Processes in Context. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 14*(3), 73-87. doi: 10.1300/J146v14n03_05
- Harvey, M. R. (2007). Towards an ecological understanding of resilience in trauma survivors. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 14*(1/2), 9-32. doi:10.1300/J146v14n01_02
- Haslam, C., Jetten, J., Cruwys, T., Dingle, G., & Haslam, S. A. (2018). Introduction: Why do we need a new psychology of health?. In C. Haslam, J. Jetten, T. Cruwys, & S. A. Haslam (Eds), *The New Psychology of Health: Unlocking the Social Cure* (pp. 1-11). New York: Routledge.
- Haslam, C., Jetten, J., Cruwys, T., Dingle, G., & Haslam, S. A. (2018). Stress. In C. Haslam, J. Jetten, T. Cruwys, & S. A. Haslam (Eds), *The New Psychology of Health: Unlocking the Social Cure* (pp. 84-103). New York: Routledge.
- Haslam, C., Jetten, J., Cruwys, T., Dingle, G., & Haslam, S. A. (2018). Trauma and Resilience. In C. Haslam, J. Jetten, T. Cruwys, & S. A. Haslam (Eds), *The New Psychology of Health: Unlocking the Social Cure* (pp. 104-130). New York: Routledge.
- Haslam, S. A., Jetten, J., Postmes, T., & Haslam, C. (2008). Social Identity, Health and Well-Being: An Emerging Agenda for Applied Psychology. *Applied Psychology, 58*(1), 1–23. doi:10.1111/j.1464-0597.2008.00379.x

- Haslam, S. A., & Reicher, S. (2006). Stressing the group: Social identity and the unfolding dynamics of responses to stress. *Journal of Applied Psychology, 91*(5), 1037-1052. doi:10.1037/0021-9010.91.5.1037
- Hoffman, M. A., & Kruczek, T. (2011). A Bioecological Model of Mass Trauma. *The Counseling Psychologist, 39*(8), 1087–1127. doi:10.1177/0011000010397932
- Jetten, J., Haslam, C. J., & Haslam, S. A. (Eds.). (2012). *The social cure: Identity, health, and well-being*. Hove, London, UK: Psychology Press. doi:10.4324/9780203813195.
- King, D. W., King, L. A., Foy, D. W., Keane, T. M., & Fairbank, J. A. (1999). Posttraumatic stress disorder in a national sample of female and male Vietnam veterans: Risk factors, war-zone stressors, and resilience-recovery variables. *Journal of Abnormal Psychology, 108*(1), 164-170.
- Lester, P. & Flake, E. (2013). How wartime military service affects children and families. *The Future of Children, 23*(2), 121-141. doi:10.1353/foc.2013.0015
- Levine, M., Prosser, A., Evans, D., & Reicher, S. (2005). Identity and emergency intervention: How social group membership and inclusiveness of group boundaries shapes helping behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin, 31*, 443-453. doi:10.1177/0146167204271651
- Lowe, R. D., & Muldoon, O. T. (2014). Shared national identification in Northern Ireland: An application of psychological models of group inclusion post conflict. *Group Processes & Intergroup Relations, 17*, 602–616. doi:10.1177/1368430214525808
- Maercker, A., & Hecker, T. (2016). Broadening perspectives on trauma and recovery: a socio-interpersonal view of PTSD. *European Journal of Psychotraumatology, 7*(1), 29303. doi:10.3402/ejpt.v7.29303
- Maercker, A., & Horn, A. B. (2013). A socio-interpersonal perspective on PTSD: The case for environments and interpersonal processes. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 20*, 465-481. doi:10.1002/cpp.1805
- Muldoon, O. T., Haslam, S. A., Haslam, C., Cruwys, T., Kearns, M., & Jetten, J. (2019). The social psychology of responses to trauma: social identity pathways associated with divergent traumatic responses, *European*

- Review of Social Psychology*, 30(1), 311-348. doi:
10.1080/10463283.2020.1711628
- Muldoon, O. T., & Lowe, R. D. (2012). Social identity, groups, and post-traumatic stress disorder. *Political Psychology*, 33, 259–273.
- Nunes, T. S. C. G. C. (2001). *Vivências de Esposas de Ex-combatentes Diagnosticados com Stress Pós-traumático: uma abordagem fenomenológica*. Manuscrito não publicado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Ramos, M. R., & Alves, H. (2011). Adaptação de uma Escala Multidimensional de Identificação para Português. *Psicologia*, 25(2), 23-38.
- Smith, S., Hays, M., & Lyons, K. (2017). The ecology of instructional teacher leadership. *The Journal of Mathematical Behavior*, 46, 267-288. doi:
<https://doi.org/10.1016/j.jmathb.2016.12.005>
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin, & S. Worschel (Eds.). *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33– 47). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole Publishing.
- Vezzali, L., Drury, J., Versari, A., & Cadamuro, A. (2016). Sharing distress increases helping and contact intentions via social identification and inclusion of the other in the self: Children’s prosocial behaviour after an earthquake. *Group Processes & Intergroup Relations*, 19, 314–327. doi:10.1177/1368430215590492
- Wooten, N. R. (2013). A bioecological model of deployment risk and resilience. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 23, 699–717. doi:10.1080/10911359.2013.795049W
- Yehuda, R. (2004). Risk and resilience in posttraumatic stress disorder. *Journal of Clinical Psychiatry*, 65(Suppl. 1), 29-36.

7. ANEXOS

7. ANEXOS

ANEXO A – Folha de registo das associações



Dados gerais

Nome	Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA)
Morada	Avenida Padre Cruz - Edifício ADFA 1600-560 - Lisboa
Telefone	217512600
Site	www.adfa-portugal.com/
Email	d.nacional@adfa-portugal.com

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
Psiquiatria Psicologia (psicoterapia individual) Fisiatria Fisioterapia Urologia Medicina Dentária Clínica Geral	Apoio Social Apoio de Secretariado	Apoio Jurídico Atividades Ocupacionais Espaço de Convívio ADFACAR

Jornal	ELO - O Jornal do Stress de Guerra (Mensal)
Facebook	https://www.facebook.com/adfa.portugal.3
Arquivo Digital	Notícias; Jornais; Eventos

Dados históricos

Ano da Fundação	1974
------------------------	------

Fundadores	Joaquim Couceiro Ferreira (n.º1); António J. Lavouras Lopes (n.º2); Bernardino Azevedo (n.º3); Luís Brito de Aguiar (n.º4); António Calvino (n.º5); Ivo Paulino (n.º6); Francisco Guimarães (n.º7); Paulo Rosário (n.º8); Alberto Costa (n.º9); Manuel Ferreira (n.º10); Lúcio Dias (n.º11).
Breve História	<p>A Associação dos Deficientes das Forças Armadas – ADFA foi fundada, em 14 de maio de 1974, é uma associação livre e independente, considerada pessoa coletiva de direito privado e utilidade pública.</p> <p>A ADFA desenvolveu um trabalho ao nível da renovação das mentalidades, no pós 25 de Abril, em relação às pessoas com deficiência, contribuindo para o lançamento das bases de um novo associativismo de participação ativa e das suas organizações representativas.</p>
Missão	Assegurar os direitos dos deficientes militares, reivindicando e desenvolvendo condições que possibilitem o pleno exercício da cidadania. Prosseguir com ações de cariz social e contribuir para a resolução das questões dos associados.
Visão	Garantir e reforçar o reconhecimento como entidade representativa de defesa dos direitos dos deficientes militares.

Fonte: Site da ADFA



Dados gerais

Nome	Associação de Apoio aos Ex-combatentes Vítimas do Stress de Guerra (APOIAR)
Morada	R. C do Bairro da Liberdade, Lt. 10, Loja 1.10, Lisboa, 1070-023
Telefone	213 808 000 / 961 953 963
Site	https://apoiar-stressdeguerra.com/pt/
Email	apoiar.stressdeguerra@gmail.com

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
Psiquiatria Psicologia (psicoterapia individual) Psicologia (terapia familiar/casal/ filhos) Psicologia (dois grupos de ajuda mútua - Veteranos Esposas) Clínica Geral	Apoio Social Apoio de Secretariado Domicílios e intervenção com famílias	Apoio Jurídico Atividades Ocupacionais Espaço de Convívio

Jornal	APOIAR - O Jornal do Stress de Guerra (Bimestral)
Newsletter	Sim
Facebook	https://www.facebook.com/stressdeguerraapoiar

Dados históricos

Ano da Fundação	1988
------------------------	------

Fundadores	Dr. Afonso de Albuquerque; Dra. Fani Lopes
-------------------	--

Breve História	Surgiu da iniciativa de um grupo de técnicos e de pacientes sujeitos a terapia de grupo, nos Serviços de Psicoterapia Comportamental no Hospital Júlio de Matos.
-----------------------	--

Os grandes impulsionadores da Associação foram o Dr. Afonso de Albuquerque e a Dr.^a Fani Lopes. Em 1994 é legalmente constituída como Instituição Particular de Solidariedade Social. De 1997 a 2003 a sede é na Avenida de Roma e em 2003 a Câmara Municipal de Lisboa concede novas instalações no Bairro da Liberdade.

Fonte: Dossier Apresentação e Site APOIAR



Dados gerais

Nome	Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra (APVG)
Morada	Largo das Carvalheiras, 52/54, 4700-419 Braga
Telefone	253260933/2
Site	http://www.apvg.pt/
Email	info@apvg.pt

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
Psiquiatria Psicologia (psicoterapia individual) Psicologia (terapia familiar/casal) Clínica Geral	Apoio Social Apoio de Secretariado	Apoio Jurídico

Jornal	O Veterano de Guerra (Trimestral)
Facebook	www.facebook.com/people/Apvg-Braga/100011473130375

Dados históricos

Ano da Fundação	1999
Fundadores	Grupo de ex-militares
Breve História	A Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra foi fundada em 18 de Março de 1999, por iniciativa de um grupo de ex-militares que prestaram o seu serviço durante o período da Guerra Colonial.

Este grupo entendia que uma grande parte da população portuguesa que em tempos tinha prestado o seu contributo pátrio, nas ex-colónias portuguesas, ainda passados alguns anos, sofria com as sequelas desta mesma Guerra, ao nível do seu comportamento.

Estas sequelas enquadravam-se inequivocamente na Perturbação Pós-Stress Traumática, que também tinha atingido nomeadamente os soldados americanos durante a Guerra do Vietname.

Em Portugal, esta doença era conhecida no meio médico, como Doença do Dr. Albuquerque, assim denominada, face ao pioneirismo do Dr. Afonso Albuquerque, médico psiquiatra, na abordagem desta temática, que por sinal também tinha sido oficial miliciano médico durante a Guerra Colonial em Moçambique.

Por isso, a fundação da APVG é o corolário da necessidade de existir uma Organização (ONG), com a capacidade de poder ajudar todos aqueles que por participarem na Guerra Colonial, se encontravam afetados por uma doença para a qual não encontravam resposta, e que por vezes por esse motivo se viam abandonados e marginalizados, sem perspetivas de reintegração social.

Fonte: Site da APVG



Dados gerais

Nome	Associação Nacional dos Combatentes do Ultramar (ANCU)
Morada	Rua Conde Ferreira n.º 47; Escola Conde Ferreira; 3460-553 Tondela
Telefone	232822710
Site	http://www.ancu.pt/

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
Psiquiatria Psicologia (psicoterapia individual) Clínica Geral	Apoio Social Apoio de Secretariado	Biblioteca Museu

Jornal	A Voz do Combatente (Trimestral)
---------------	----------------------------------

Dados históricos

Ano da Fundação	1982
------------------------	------

Fundador	Dr. Barroso da Fonte
-----------------	----------------------

Breve História	<p>Em 18 de Fevereiro de 1982, o Dr. Barroso da Fonte enviou uma circular a 200 combatentes convidando-os a fundar a associação.</p> <p>Em pouco tempo a associação estava constituída, e com um jornal próprio denominado “Sentinela”, de publicação trimestral, funcionando num local cedido pela Câmara de Guimarães, nessa cidade. Foi obrigada pouco depois a funcionar em instalações próprias, pois a autarquia mostrou-se indisponível para continuar a ceder instalações.</p>
-----------------------	--

Entretanto o nosso jornal, por haver uma confissão religiosa com título igual, alterou o nome para “A VOZ DO COMBATENTE”.

O Dr. Barroso da Fonte foi também o autor da ideia da construção do Monumento Nacional dos Combatentes do Ultramar edificado na frente do Forte do Bom Sucesso em Belém, Lisboa.

A Associação chegou a ter 10.000 associados e funcionavam núcleos em Cascais, Santa Maria (Açores) Toronto e Tondela.

Fundado em 1996, persistente o Dr. Barroso da Fonte pediu ao núcleo de Tondela que assumisse a sede da associação, pois em seu dizer, manifestava cansaço e falta de apoio da autarquia de Guimarães.

Ao longo da sua existência a ANCU participou em quase todas as manifestações e aniversários nacionais dos combatentes e tem relações de profunda amizade e colaboração com as demais associações de combatentes. Dinamizou, fundou e presidiu à Federação Portuguesa das Associações de Combatentes que comungou até Maio deste ano da sua Sede.

Fonte: Site da ANCU



Dados gerais

Nome	Associação dos Combatentes do Ultramar Português (ACUP)
Morada	Rua Prof. Egas Moniz, 176, 4550-146 Castelo de Paiva
Telefone	255689229
Site	http://ultramar.terraweb.biz/index_ACUP.htm
Email	acup.combatentes@sapo.pt

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
Psiquiatria (parceria com Hospital de Aveiro) Psicologia (acompanhamento individual e estimulação cognitiva)	Apoio Social Apoio de Secretariado	Apoio Jurídico Atividades Ocupacionais Espaço de Convívio Museu

Jornal	Aerograma (Trimestral)
Facebook	www.facebook.com/associacao.ultramarportugues/

Dados históricos

Ano da Fundação	2002
Fundadores	Grupo de paivenses
Breve História	Um grupo de paivenses, em 1997, lançou a ideia de criar uma Comissão para construir um Monumento de Homenagem aos 27 jovens militares naturais de Castelo de Paiva, falecidos na guerra colonial.

A 14 de Maio de 2000 inaugurou-se o Monumento "(...) que perpétua aqueles que não recusaram em dar a vida pela Pátria."

O objetivo principal da ACUP é "(...) criar estruturas de apoio social e de lazer, lutar pela defesa dos interesses dos ex-combatentes do Ultramar, proteger e defender os mais desprotegidos, dignificar a vida dos Sem Abrigo."

Em 2007, o Departamento de Apoio aos Antigos Combatentes, aprovou o plano de atividades e declarou a associação como pioneira e única no desencadeamento do rastreio a nível nacional, de Combatentes em situação e Sem Abrigo. Este rastreio assinalou 22 ex-combatentes a viver na rua e rapidamente inseridos na IPSS (Comunidade Vida e Paz).

Em 2009, assinaram protocolo de Colaboração com a Direção Central da Cruz Vermelha Portuguesa com o objetivo de realizar mais um rastreio nacional dos ex-combatentes "Sem Abrigo" e promover a dignidade dos excluídos socialmente, combater o alcoolismo, a toxicodependência, criar mecanismos para a sua reintegração na sociedade.

Fonte: Folha de Apresentação e Site da ACUP

Dados gerais

Nome	Associação do Movimento Cívico dos Antigos Combatentes (MAC)
Morada	Rua Marquês Sá da Bandeira, nº323 - Sala 19 - 4400-217 Vila Nova de Gaia
Telefone	917540546
Site	http://dignificaroregresso.blogspot.com/
Email	mac.combatentes@gmail.com

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
N. A.	Apoio Social Informal	Apoio Jurídico Informal

Facebook	www.facebook.com/Antigos.Combatentes/
-----------------	--

Dados históricos

Ano da Fundação	2006
------------------------	------

Fundadores	Grupo de paraquedistas que se interessaram pelos mortos que ficaram em África.
-------------------	--

Breve História	<p>Tomámos esta iniciativa a partir da reportagem realizada pela RTP 1, apresentada no dia 20/09/06, sobre os cemitérios em ruínas de soldados portugueses mortos durante a Guerra Colonial.</p> <p>Ao ver essas imagens, sentimos uma enorme indignação por vermos como são tratados os restos mortais, esquecidos e abandonados, daqueles portugueses que morreram em combate durante a Guerra Colonial e que ficaram sepultados nos territórios de África.</p> <p>Por essa razão, e por sentirmos que alguma coisa deve ser feita para restituir dignidade a esses cemitérios, um grupo de</p>
-----------------------	---

antigos combatentes tomou a iniciativa de apresentar esta Proposta de Reflexão, no sentido de se organizar um Movimento Nacional de Antigos Combatentes que tome nas suas mãos o encontrar de uma solução para este problema.

Fonte: Proposta de Reflexão (2006)



Dados gerais

Nome	Liga dos Combatentes (LC)
Morada	Rua João Pereira da Rosa, 18; 1249-032 Lisboa
Telefone	21 346 82 45; 21 346 82 46; 21 346 82 28; 21 346 87 08
Site	https://www.ligacombatentes.org.pt/
Email	geral@ligacombatentes.org.pt

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
Apoio à Saúde	Apoio Social Almoços-Convívio	Apoio a Sócios e Regalias Assuntos diversos de interesse pessoal/familiar Biblioteca Museu

Jornal	Revista Combatente (Trimestral)
Facebook	https://www.facebook.com/ligadoscombatentes.oficial/

Dados históricos

Ano da Fundação	1923
------------------------	------

Fundadores	Faria Affonso; Horácio Faria Pereira; Joaquim de Figueiredo Ministro
-------------------	---

Breve História	Após a I Grande Guerra os combatentes, animados por um são espírito de fraternidade, sentem o imperativo de se associar para defenderem os seus interesses e ajudarem os inválidos de guerra, as viúvas e os órfãos. Surge João Jayme de Faria Affonso, espírito empreendedor e decidido, que resolve meter ombros a esta árdua tarefa e, por fins de
-----------------------	---

1919, dá os primeiros passos no sentido de criar a associação dos combatentes. Esta primeira tentativa não é coroada de êxito. O desalento, a falta de coesão e solidariedade que se notava na Nação, tinham também contagiado os homens da guerra, e o intento de Faria Affonso foi malogrado. Mas este homem persistente e obstinado nas suas resoluções não desiste.

Em 1921 Faria Affonso renova os seus propósitos, agora ainda com mais coragem e mais esperança no triunfo. Agrega a si o então 1.º tenente Horácio Faria Pereira, aproveitando as suas altas qualidades de inteligência e trabalho e, também, a persistência do tenente Joaquim de Figueiredo Ministro. Constituem-se em comissão, com o apoio entusiástico dos bravos tenentes-coronéis Ferreira do Amaral e Francisco Aragão. Faria Affonso propõe as bases dos Estatutos, que Faria Pereira desenvolve em articulado, e que depois submetem à apreciação de vários combatentes.

Em 1923 realizou-se uma reunião magna de onde saíram os primeiros corpos diretivos. Em 29 de Janeiro de 1924, pela Portaria n.º 3888, é oficializada a Liga com o nome Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Em 16 de Março de 1929 é aprovado o Estandarte da LIGA e autorizado o seu uso em atos oficiais. Hoje, a Liga dos Combatentes é considerada uma Instituição de Utilidade Pública, Instituição particular de assistência e pessoa coletiva de utilidade pública administrativa e Pessoa coletiva de utilidade administrativa geral.

Fonte: Site da LC



Dados gerais

Nome	Associação de Fuzileiros (AF)
Morada	Rua Miguel Pais, nº 25, 2830-356 Barreiro
Telefone	212 060 079
Site	http://www.associacaofuzileiros.pt/
Email	afuzileiros@gmail.com

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
<p>Apoio à saúde (sócios e familiares)</p> <p>Protocolos de saúde (ex. Fisiatria, Fisioterapia, Clínica Geral, Ortopedia, Nutrição, Psicologia Clínica, Análises Clínicas e Osteopatia e Acupunctura)</p>	<p>Apoio Social</p>	<p>Atividades Lúdicas e Desportivas</p> <p>Encontro de Fuzileiros</p> <p>Convívio Anual Snack Bar/Restaurante da Associação Apoio económico Obtenção rápida das pensões de sobrevivência em relação a viúvas, pais ou filhos de sócios falecidos</p>

Jornal	Revista O Desembarque (Periódica)
Facebook	https://pt-pt.facebook.com/AssociacaodeFuzileiros

Dados históricos

Ano da Fundação	1977
------------------------	------

Fundadores

Comandante Heitor dos Santos Patrício

Breve História

Logo após a Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974) alguns militares ou assim feitos apareceram na Praça Pública a desempenhar funções de “comissários políticos”, perante a passividade das respetivas chefias.

No decurso de vários meses, até ao 25 de Novembro de 1975, encontravam-se nas ruas indivíduos vestindo camuflados, cabelos compridos, boinas militares postas às três pancadas, sem distintivos das armas e unidades, substituídos estes por foices e martelos, ou por alegorias a Che Guevara e Mao Tse Tung.

Foi neste contexto que - face ao descalabro revolucionário no âmbito da indisciplina gerada nas instituições castrenses em geral e em algumas unidades militares em particular, onde a “autogestão” era aceite como um mal menor - alguns militares fuzileiros, no activo, na reserva e na reforma decidiram criar a Associação de Fuzileiros.

Tratou-se de um movimento que emanou dos Homens que através dos anos instruíram e prepararam os Fuzileiros para combaterem no Ultramar, coadjuvados por muitos distintos e distinguidos Veteranos de Guerra.

À cabeça desta iniciativa esteve, entre outros, o Comandante Heitor dos Santos Patrício que, além de mobilizar muita gente para a causa, conseguiu uma dependência na Praça Pasteur em Lisboa, onde os promitentes futuros associados se reuniam, semana a semana, na semi-clandestinamente, até à celebração da escritura notarial, em Março de 1977.

Após a celebração da escritura notarial, a Associação entrou em letargia.

Passados vinte e um anos, em Agosto de 1999, um grupo de fuzileiros encabeçados pelo núcleo da “Escolamizade”, com sede no Algarve decidiu ativar a Associação.

Hoje aqui chegámos e aqui estamos, com um estatuto civilista invejável e com Estatuto associativo formalizado e legitimamente sufragado.

Para trás vão ficando anos e anos de árduo trabalho envolvendo dezenas e dezenas de Homens que vêm dando o melhor de si próprios sem nada pedirem à Associação que não seja o seu prestígio e a sua capacidade de solidariedade e entreaajuda.

Somos hoje um parceiro dialogante, apreciado e consultado por muitas Instituições civis e militares.

Somos bem o espelho dos últimos versos do Hino da Associação de Fuzileiros: “Só tem Pátria quem sabe lutar”.

Aqui chegámos e aqui estamos, orgulhosos dos princípios e da mística dos Fuzileiros porque, «Fuzileiro uma vez fuzileiro para sempre».

Fonte: Site da AF



Dados gerais

Nome	Associação de Comandos (AC)
Morada	Av. Duque d'Ávila nº 124 - 4º Esq., 1050 - 084 Lisboa
Telefone	213 538 373
Site	http://associacaocomandos.pt/
Email	associacao.comandos.dn@gmail.com

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
N. A.	Apoio de Secretariado	Apoio Jurídico Centro de Aventura (atividades ao ar livre)

Jornal	Revista MAMA SUME (Anual)
Facebook	https://www.facebook.com/associacaocomandos/

Dados históricos

Ano da Fundação	1975
Fundador	Comandante Victor Manuel Tavares Ribeiro
Breve História	N. A.

Fonte: Site da AC



Dados gerais

Nome	Associação dos Militares na Reserva e Reforma (ASMIR)
Morada	Rua Elias Garcia nº45/47 - 2330-152 Entroncamento
Telefone	249726859
Site	http://www.asmir.pt/
Email	asmir@asmir.pt

Serviços

Clínicos	Sociais	Outros
N. A.	Apoio Social	Apoio Jurídico

Jornal	Revista da ASMIR
Facebook	https://www.facebook.com/ASMIR-113289503371170/

Dados históricos

Ano da Fundação	1987
------------------------	------

Fundadores	Capitão Runa
-------------------	---------------------

Breve História	<p>É uma Associação sem carácter político ou religioso onde têm lugar todos os militares na reserva e reforma, desde que respeitem os princípios éticos que caracterizam a Instituição Militar. Admite como sócios extraordinários todo aquele que preze a condição militar. A Associação é reconhecida de utilidade pública e pretende manter e desenvolver um relacionamento de colaboração assente no respeito mútuo com as Chefias Militares e com o Ministério da Tutela das Forças Armadas. O reconhecimento e a boa ligação</p>
-----------------------	--

existentes não põem em causa nem a sua independência nem o seu rigoroso apartidarismo político.

A ASMIR é uma "Instituição de Utilidade Pública" com mais de 2000 associados espalhados por todos os distritos do Continente, Regiões Autónomas, e no estrangeiro. Esses sócios são oriundos de todos os Ramos das Forças Armadas e da Guarda Nacional Republicana e abrangem todos os postos, desde Praças a Oficiais Gerais, o que demonstra o sentimento generalizado da necessidade de uma Associação que defenda direitos adquiridos e legítimas expectativas em ordem a garantir a qualidade de vida adequada à pessoa humana. Igualmente tem como associados militares na reserva e reforma de países de língua portuguesa e de países com quem Portugal tem ligações no âmbito de alianças militares.

Tem como principais objetivos:

- Representar os Associados junto do Poder Constituído quando for necessária a defesa dos seus direitos;
- Apoiar juridicamente os Associados no âmbito dos seus direitos;
- Promover ações culturais e recreativas em benefício dos Associados;
- Estreitar, por todas as formas, os laços de amizade e camaradagem entre os Associados e entre estes e os Militares em geral;
- Cooperar com as Instituições Nacionais e Internacionais que prossigam fins idênticos;
- Contribuir para a dignificação e prestígio da Instituição Militar.

Fonte: Site da ASMIR